

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Cláudia de Jesus Pereira Guimarães

A leitura literária na formação de leitores competentes e autônomos

Belo Horizonte

2015

Cláudia de Jesus Pereira Guimarães

A leitura literária na formação de leitores competentes e autônomos

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em 2015, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Prof.Dr.Josiley Francisco de Souza

Belo Horizonte

2015

Cláudia de Jesus Pereira Guimarães

A leitura literária na formação de leitores competentes e autônomos

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em 2015, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Prof. Dr. Josiley Francisco de Souza

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Josiley Francisco de Souza – Faculdade de Educação da UFMG

Dra^a Elaine Maria de Moraes – Centro Universitário Estácio de Sá

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos alunos do 3º ano do primeiro ciclo da turma da Casa Amarela, da Escola Municipal Aurélio Pires.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, e a Nossa Senhora Aparecida por mais essa conquista, sem esse amparo essa vitória não seria possível. Ao meu marido Renato agradeço a compreensão nas minhas ausências. A minha filha Maria Eduarda, meu amor incondicional agradeço a força, e por entender o meu esforço ao deixarmos de fazer muitas coisas legais juntas. A Viviana, meu anjo, que ajudou-me nas horas de angústia e ao Rodrigo pelos lanches deliciosos. A Tatiane pelas caronas de todos os sábados. Agradeço também a minha família solidária nas horas em que não estive presente. E finalmente agradeço ao professor Josiley, meu orientador, pelo aprendizado, pela paciência, pela dedicação e competência. Muito obrigada!

Asa de Papel
Marcelo Xavier

Quando você se sentir só...
ou não quiser ser apenas mais um na multidão,
quando quiser descobrir quem descobriu, quem inventou, como surgiu
nas curtas, médias e longas viagens
ou para ir até o infinito no tempo que dura um grito,
nos longos períodos horizontais,
para ir à festa do rei
ou viver fantásticas aventuras no mar,
para entender o que os bichos pensam da vida
ou atravessar o tempo como se atravessasse uma porta,
para saber como é bonito o mundo visto por um mosquito
ou, num instante, sentir a terrível solidão de um gigante,
quando o mundo vira uma geladeira e você um pinguim
nos dias chorosos
ou quando a Terra se bronzeia,
para sentir aquele medinho gostoso
ou quando quiserem fazer você de bobo

LEIA UM LIVRO...

RESUMO

O presente trabalho se configura como a análise de uma ação que teve como proposta incentivar a leitura literária de crianças do 3º ano do 1º ciclo da Escola Municipal Aurélio Pires, da regional Pampulha de Belo Horizonte. Nessa ação, intitulada *Ler pode ser bom*, foi utilizada como estratégia a leitura em voz alta pela professora, com o objetivo de formar leitores competentes e autônomos, incentivar a leitura, desenvolver a oralidade e a compreensão dos textos. A duração do projeto foi de um semestre e os resultados alcançados foram satisfatórios.

Palavras-chave: Letramento literário, Literatura, Incentivo à leitura.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 – Portão de entrada da Escola Municipal Aurélio Pires.....	12
Fotografia 2 - A Escola Municipal Aurélio Pires (vista de vários ângulos).....	16
Fotografia 3 – A biblioteca Maria Piloh (Área destinada às crianças menores)...	16
Fotografia 4 – Biblioteca Infantil Maria Piloh.....	18
Fotografia 5 - Painel: Galeria de personagens Misteriosos da Casa Amarela.....	35
Fotografia 6 Detalhe do Painel Galeria de personagens misteriosos da casa amarela	35
Fotografia 7 - Painel quem conta um ponto aumenta um ponto: reconto do livro Foi quase amor a primeira vista da aluna Júllia	36
Fotografia 8 - Atividade texto coletivo desenvolvido pelos alunos. Continuidade da história: Lila e a Chuva	36
Gráfico 1 – Você gosta de Ler? Por que?	39
Gráfico 2 – O que você gosta de ler? Por que?.....	39
Gráfico 3 – Você gosta de ir a Biblioteca? Por quê?.....	40
Gráfico 4 – Você pega livros emprestados na Biblioteca?	41
Gráfico 5 – Na sua casa alguém lê para você? Por quê?	41
Gráfico 6 – Você gosta quando a professora lê para você em sala de aula? Por quê?.....	42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2 - CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA.....	12
2.1 - A Biblioteca Escolar	16
2.2 - A Turma.....	19
3 - UM BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL.....	20
4 - A LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DE LEITORES - LETRAMENTO LITERÁRIO.....	25
4.1 - A LITERATURA NA SALA DE AULA	27
4.2 - A importância do Professor na Formação de Leitores	29
5 - AÇÃO DESENVOLVIDA.....	31
5.1 - Tabulação dos dados do questionário	38
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXO 1.....	46
ANEXO 2.....	53

1. INTRODUÇÃO

A minha primeira experiência com Ensino Fundamental, na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, aconteceu em uma turma de 3º ano do 1º ciclo, da Escola Municipal Aurélio Pires. Observei que a maioria das crianças dessa turma possuía pouco hábito de leitura, e, muitas, ainda liam silabando com pouca ou quase nenhuma compreensão do que liam, o que prejudicava também o ato de escrever. Ao deparar com essa realidade, senti-me assustada, pois nas minhas experiências anteriores em escolas da rede particular, crianças com essa idade já liam fluentemente e compreendiam o que estavam lendo.

A leitura de histórias, por mim, foi inserida na rotina da sala de aula, com um projeto desenvolvido que recebeu o nome de *Ler pode ser bom*, com o intuito de despertar nas crianças o interesse pela leitura, proporcionando o manuseio dos livros reparando a estética, o formato, as imagens do livro e definindo preferência, construindo critérios para selecionar o que iria ler futuramente.

Esse Projeto partiu da seguinte questão: *Como a leitura literária pode contribuir para formação de leitores competentes e autônomos?* Diante dessa questão, foi desenvolvida a ação *Ler pode ser bom*, que pretendeu contribuir com a formação de leitores capazes de intervir na realidade em que estão inseridos, vivenciando a leitura como uma prática social.

A partir do desenvolvimento dessa ação, este trabalho teve como objetivo principal avaliar como práticas de leituras literárias em voz alta podem influenciar na formação de leitores competentes e autônomos. Além desse objetivo geral, teve os objetivos específicos de despertar e incentivar o interesse dos alunos pela leitura literária; aproximar os alunos do universo dos livros, das histórias e da escrita; enriquecer o vocabulário; desenvolver habilidades linguísticas, falar, escutar e ler; estimular a oralidade; melhorar a leitura corrente e a interpretação textual dos alunos.

Para alcançar esses objetivos, o Projeto *Ler pode ser bom* norteou as práticas que foram desenvolvidas durante o segundo semestre letivo de 2014, que teve como

pano de fundo a coleção *A Casa Amarela*, composta de livros com narrativas da autora Lylian Sypriano.

O presente trabalho se organiza em cinco capítulos, além de "Introdução", "Referências" e "Anexos". O segundo capítulo apresenta a escola em que a ação foi desenvolvida. O terceiro capítulo aborda brevemente o histórico da literatura infantil no Brasil, as influências que esta recebeu ao longo dos anos até os dias atuais. O quarto capítulo enfoca a leitura literária, a formação de leitores e a importância do professor no letramento literário. O quinto capítulo aborda o desenvolvimento e análise do projeto *Ler pode ser bom*.

2 - CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA

Fotografia 1 – Portão de entrada da Escola Municipal Aurélio Pires



Fonte: Arquivo Pessoal (2014)

Aprovados com a intenção de incentivar a ocupação da área em frente à Universidade Federal de Minas Gerais, os Bairros Liberdade, Universitário e São Francisco foram loteados na época da construção da cidade universitária. As ocupações desses bairros foram intensificadas na década de 1950, com a construção do anel rodoviário. Considerado um bairro de classe média, atualmente o bairro Liberdade possui uma boa estrutura de saneamento básico e transporte, e comércio bem desenvolvido. A Escola Municipal Aurélio Pires (EMAP) está localizada no bairro Liberdade, na Rua da Barrinha, número 171. A EMAP atende as comunidades das vilas Santa Rosa, Aeroporto e Real, que ficam no entorno do bairro. Os alunos e alunas da EMAP são na maioria muito pobres e sofrem discriminações diversas no bairro (que é tido como classe média). Quando chegam à escola, apresentam uma baixa autoestima e muitas vezes são agressivos com os colegas.

O acesso das crianças à escola acontece, na maioria das vezes, por transporte escolar particular ou a pé, neste caso a criança vai sozinha ou acompanhada de um irmão pouco mais velho. Grande parte desses alunos e alunas é oriunda de famílias de pais assalariados, diaristas ou trabalhadores temporários que vieram do interior de cidades menores em busca de trabalho.

A escola atende 22 turmas, é composta de um total de 912 alunos e alunas, matriculados nos turnos da manhã, tarde e noite. No turno da manhã funcionam o ensino médio e o programa Escola Integrada, que ofereciam aulas de reforço por intermédio do Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP) ora extinto, aos alunos regularmente matriculados no turno da tarde e que ainda não haviam sido alfabetizados. Já no turno da tarde funcionam o 1º e 2º ciclos do ensino fundamental e também o Programa Juventude para Jovens. O Programa se destina a trabalhar com alunos e alunas que não conseguem acompanhar o desenvolvimento escolar de sua faixa etária. No turno da noite, é oferecido a Educação de Jovens e adultos (EJA), que é a modalidade de educação destinada a jovens e adultos que não tiveram acesso ou continuidade de estudo no ensino fundamental e médio na idade própria. Essa modalidade oferece aos jovens e adultos oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características dos alunos, seus interesses, condições de vida e de trabalho.

A Escola possui dois andares divididos em secretaria; sala de professores; sala de coordenação; laboratório de ciências; dois laboratórios de informática - sendo que um deles é destinado ao Programa Escola Integrada e fica disponível para o 1º ciclo somente nos últimos horários; sala de artes; duas quadras poliesportivas cobertas, refeitório, banheiros, arquivos, mecanografia, almoxarifado, dezoito salas de aula equipadas com mesa e armários para os professores, carteiras para os alunos, e quadro verde, algumas salas possuem televisão. Um auditório equipado com uma parede coberta por espelho, um palco, Televisão com tela *led*, *data show*, telão, caixa amplificadora de som. É no auditório que são realizadas a maioria das atividades culturais da escola, como apresentação de teatro, filmes e apresentação de trabalhos, tanto de alunos como dos professores.

A Escola Municipal Aurélio Pires não possui um projeto político pedagógico, mas possui um documento chamado *Rede de Trocas: Uma experiência em movimento*. Teve como objetivo construir um registro coletivo da memória histórica dos processos que a escola viveu nos últimos anos. Este documento foi escrito nos anos 2000 e teve a participação de todos os professores e funcionários, e a maioria que ajudou na escrita desse documento ainda permanecem na escola. E de lá até os dias atuais, esse documento não sofreu nenhuma alteração. Ele foi publicado pela

prefeitura de Belo Horizonte, através da Secretaria Municipal de Educação - SMED/PBH. Teve uma tiragem de mil exemplares. O documento trata da história da Escola, quem são os alunos e alunas atendidas (os), as famílias, os profissionais. Como são feitas as assembleias, as reuniões. Trata também do cotidiano dentro da escola, dos projetos desenvolvidos, da leitura e da escrita e avaliação.

Como cita o documento Redes de Troca. “O primeiro ciclo decidiu priorizar, como estratégia, a manutenção de um professor referência para cada turma e outros de apoio. Há encontros semanais dos professores com a coordenação pedagógica”. (PBH, [200-], p. 12.). A organização do trabalho permanece a mesma até hoje e a considero importante porque mantém um professor como referência da turma por mais tempo o que ajuda-o no seu planejamento integrando as disciplinas dentro de um processo alfabetizador.

No documento Rede de Troca [200-, p. 23], a leitura é considerada algo muito importante para se investir, não só pelo seu caráter social e cultural e pela sua exigência na sociedade contemporânea, mas, também, para superar certos efeitos excludentes sobre aqueles que não tenham demonstrado, ainda, o domínio no uso da leitura e da escrita. E ainda de acordo com o documento, só se aprende a escrever escrevendo, usando a escrita como uma maneira de representar e dar significado ao próprio mundo. E assim, o ambiente alfabetizador começa dentro da sala de aula. Ela é transformada em um espaço de acontecimentos, colocando a palavra a serviço dos alunos. Com alfabetos na parede, calendários, etiquetas, crachás, fichas, textos e cantinho da leitura.

O trabalho com a leitura e escrita no primeiro ciclo é diário conforme citado no documento Rede de troca:

Todos os dias as crianças são colocadas em contato direto e sistemático com o objeto de leitura, desenvolvendo atividades de leitura, escrita e linguagem oral, trabalhamos com textos diversos: poesia, histórias, músicas, receitas, cartões aniversariantes, pesquisa na certidão de nascimento, relatório de fatos ocorridos com a turma, escrita espontâneas sobre sua vida diária, leitura de manuais de jogos matemáticos, leitura de bulas e instruções, textos informativos, leitura de rótulos, carta, fabulas, mapas, tabelas e gráficos, revistas, propagandas, jornais, documentários textos literários, etc. (Secretaria Municipal de Educação, [200-], p. 24)

A partir da leitura, observação e análise dos textos produzidos pelos alunos é trabalhado a reescrita desses textos, ampliando as ideias, discussão da diferença entre oralidade e escrita. Dentro da escola há um esforço e uma preocupação muito grande por parte de todos, professores, diretores, coordenação e funcionários para que o trabalho aconteça de forma efetiva e, assim, de acordo com a necessidade da escola uma vez por mês há um encontro entre os professores do ciclo, com a coordenação e direção para discutir todo o trabalho da escola e com o intuito de decidir os projetos da escola conjuntamente. A direção participa dos encontros dos três turnos, viabilizando a comunicação entre os mesmos. O que favorece para uma integração do trabalho pedagógico. Nesses dias de reuniões contrata-se oficinairos para realizar atividades com os alunos e alunas, em dois horários de todos os turnos.

O quadro de funcionários que atuam em setores administrativos da escola é, em sua maioria, composto por pessoas concursadas e efetivas, com treinamento apropriado para exercer suas funções. O quadro docente também é composto por professores concursados e efetivos com habilitação para exercer as funções de magistério. A maioria possui curso de especialização e pós-graduação nas áreas em que atuam.

O 1º ciclo conta com duas coordenadoras que se ocupam, sobretudo, do cotidiano da Escola, que envolve alunos, alunas e suas famílias, já que a indisciplina é um problema recorrente.

A Escola é bem democrática as reuniões são abertas e todos participam dos campos de decisões junto com a direção.

Fotografia 2 - A Escola Municipal Aurélio Pires (vista de vários ângulos)



Legenda: a) Mural de entrada da E. M. Aurélio Pires
 b) Pátio da escola E. M. Aurélio Pires
 c) Muro de frente da escola E. M. Aurélio Pires
 d) Muro lateral da escola E. M. Aurélio Pires

Fonte: Arquivo Pessoal (2014)

2.1 - A Biblioteca Escolar

Fotografia 3 – A biblioteca Maria Piloh (Área destinada às crianças menores)



Fonte: Arquivo Pessoal (2014)

A biblioteca da EMAP recebe o nome da sua primeira diretora: Maria Piloh. Apesar do reconhecimento destinado a biblioteca por parte dos professores, funcionários e comunidade. A biblioteca e o seu trabalho não são citados no documento Rede de Trocas.

Atualmente a biblioteca possui aproximadamente quinze mil títulos, incluindo literatura infanto-juvenil, literatura infantil, mapas, atlas, gibis, obras de referências, CDs, DVDs e periódicos. Considerada uma biblioteca polo, pois atende também a comunidade situada no entorno da escola e de coordenar os trabalhos de outras cinco ou seis bibliotecas escolares da Rede de Educação Municipal de Belo Horizonte. Nela, além de um auxiliar de biblioteca por turno, também está lotado um bibliotecário coordenador, profissional com curso superior em Biblioteconomia. O conceito *pólo* deve ser entendido como a biblioteca que realiza o intercâmbio de acervo entre as bibliotecas coordenadas, destas com outras *pólos* e bibliotecas de outras rede.

De acordo com os Cadernos do Programa de bibliotecas o principal objetivo da biblioteca é promover e monitorar práticas de incentivo a leitura e a escrita, a partir da integração da biblioteca ao projeto político pedagógico de cada unidade escolar. (PAULA; BARROS, 2013, P. 22)

E como objetivos específicos:

- Atender ao coletivo escolar, e, no caso das bibliotecas pólo, também à comunidade situada no entorno da escola, no que se refere às demandas de informação e leitura;
- Fazer da biblioteca escolar local de múltiplas leituras e descobertas, de informação, de formação e de expressão da cultura. (SANTOS, [s.d], p. 2)

O espaço físico da biblioteca ocupa aproximadamente duas salas de aulas e possui uma área destinada exclusivamente para as crianças menores, com estantes mais baixas, que facilita o acesso destas ao acervo, além de sofás, *puff's*, tapetes emborrachados.

Fotografia 4 – Biblioteca Infantil Maria Piloh



Legenda: a) Estantes de livros infantis
 b) sofás e *pufs* para as crianças
 c) Caixa de sugestões Livros de Poemas

Fonte: Arquivo Pessoal (2014)

Como incentivo a leitura a biblioteca adota os mesmos eixos sugeridos nos Cadernos do Programa de Biblioteca da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, que são:

- Contação de histórias (Hora do conto; Conto e Reconto); leitura de livros.
- Exposições de livros e trabalhos (novas aquisições da biblioteca; livros de um autor específico; livros antigos; livros danificados, livros para análise dos professores; murais relacionados a datas comemorativas; trabalhos resultantes de contação de histórias e livros escritos pelos estudantes);
- Leitura livre (momento de Leitura; degustação de Livros; Surpresas literárias; Li, gostei e recomendo; Cantinho da Leitura; Recreio Literário; dentre outras);.]
- Leitura compartilhada com a família (Lendo com a família; Bolsa mágica; Menino maluquinho por leitura; Quem conta contos encanta; sacolinha de histórias; Lê pra mim?);
- Encontro com escritores. (PAULA; BARROS, 2013, P. 27)

A biblioteca da Escola é muito bem organizada e possui um trabalho bem efetivo. Ela funciona os três turnos, permanecendo aberto aos alunos nos horários de recreio, promovendo a atividade Recreio Literário. Nesse momento o usuário pode usar a biblioteca para ler, pesquisar, estudar, devolver livros, fazer empréstimos entre outros. No período da tarde onde funcionam os dois ciclos, a cada semana ela

fica reservada para um ciclo. No dia reservado a cada turma os (as) professores (as) acompanham a turma para as atividades de incentivo a leitura desenvolvida pela biblioteca Os usuários são muito bem recebidos e orientados nas escolhas dos livros.

2.2 - A Turma

O plano de ação *Ler Pode Ser Bom* foi implementado na turma do 3º ano do 1º ciclo, no turno da tarde, que possuíam 25 crianças entre 8 e 11 anos de idade. A maioria dessas crianças muito pobres. Grande parte desses alunos e alunas eram oriundas de famílias de pais assalariados, diaristas ou trabalhadores temporários que vieram do interior; em busca de trabalho; conforme citado no documento Rede de Trocas (200-). Crianças muito agitadas, sem estímulo, com baixa autoestima e com grande dificuldade para a aprendizagem, que ainda não haviam adquirido o hábito de ouvir e respeitar a opinião dos outros colegas.

Com pouca formação desses hábitos essenciais; a disciplina em sala de aula não era tranquila. Algumas dessas crianças liam silabando e com pouca compreensão do que estavam lendo. Não possuíam proficiência nos atos de ler e escrever. Com o intuito de ajudá-los a melhorarem a leitura, a compreensão do que estavam lendo, a estratégia escolhida foi a leitura em voz alta, uma tentativa de inserir a leitura no dia a dia dessas crianças, para que eles pudessem vivenciá-la como uma prática social.

3 - UM BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

Cosson (2010) relata que antes mesmo de a literatura e a educação serem assim denominadas e adquirirem o sentido que possuem hoje para nós, a literatura era usada como matéria de formação, ensino e aprendizagem em diferentes culturas. O autor elenca alguns exemplos de como a literatura era usada com uma função formadora em diferentes culturas. No Egito antigo, a educação de um escriba se dava, entre outras coisas, em anos de prática de ditados e cópias de textos, muitos deles literários. Na Grécia, os poemas homéricos, as tragédias, entre outras cumpriam um papel relevante na formação moral e política na formação do cidadão. Em Roma, o aprendizado da retórica e o cultivo da oratória política tomam a literatura como parceira preferencial da preparação de jovens para o exercício da vida pública. Essa união entre educação e literatura fez com que textos literários se transformassem em tradição escolar. Durante muito tempo, o espaço da literatura na sala de aula era o mesmo do ensino e da formação cultural do aluno (COSSON, pag. 56 2010). Essa educação era voltada para a elite que aprendia a ler desde simples contos infantis às obras complexas do cânone literário.

A Literatura Infantil no Brasil surgiu no final do século XIX, com a publicação dos primeiros livros nacionais destinados a crianças e jovens, pois antes disso, segundo Penteado (2001), a circulação de livros infantis era precária e irregular, representada principalmente por edições portuguesas. Ainda segundo a autora, o adjetivo nacional estava muito mais ligado à procedência dos livros do que ao seu conteúdo, já que, em sua maioria, estes eram adaptações e/ou traduções de títulos europeus para o português.

Foi no final do século XIX que a ideia de abrigar a literatura, inclusive a infantil, surgiu. Ainda que em adaptações, traduções ou originais, a produção literária desse período, destinada para crianças e aos jovens, desenvolveu-se sob a tutela da escola.

Todavia, esse cenário educacional que dava sustentação à literatura em sala de aula sofre mudanças tanto no campo pedagógico, social e teórico ao longo do

tempo. A formação técnico e científica sobrepôs-se à formação humanística. Os meios de comunicação transformaram o cenário da expressão cultural, redefinindo o lugar da leitura e da literatura. A ampliação dos sistemas de ensino e a heterogeneidade dos alunos provenientes de todas as classes sociais determinam a falência da educação da elite tradicional.

Até então tinha-se uma literatura que reproduzia valores de uma classe dominante no que se refere à política ou as maneiras de viver em sociedade. Gregorin Filho (2010, p.28) informa que a criança era "vista como um indivíduo pronto para receber a educação como dádiva, como caráter divino, e amar sua pátria como berço e fonte inesgotável de benevolência." Essa era a leitura no Brasil do final do século XIX.

A tradição escolar do ensino da literatura não conseguiu acompanhar as mudanças. O uso educativo dos textos literários se transformou em tradição escolar, muitas vezes era usado para ensinar uma gramática inútil ou valores de uma sociedade que buscava sua identidade, que muitas vezes trazia em suas interpretações valores rígidos de respeito a todas as instituições, como igreja, família, escola e a pátria ou por listas sem muito sentido de datas e características de autores, obras e estilos de época.

A leitura, quando era usada, servia ao preenchimento de fichas e discussões artificiais. A relação possível entre os textos foram perdidas pelo uso aleatório e excessivo de fragmentos ou nas seleções já organizadas pelos livros didáticos.

Gregorin Filho (2010) afirma que:

Na educação e nas práticas de leitura do Brasil, no final do século XIX até o surgimento de Monteiro Lobato, os paradigmas vigentes eram o nacionalismo, o intelectualismo, o tradicionalismo cultural com seus modelos de cultura a serem imitados e o moralismo religioso, com as exigências de retidão de caráter, de honestidade, de solidariedade e pureza do corpo e da alma em conformidade com os preceitos cristãos. (GREGORIN FILHO, 2010, p. 28).

Monteiro Lobato surge com uma proposta inovadora de literatura. A criança passa a ter voz. A contestação e a irreverência infantis começam a ter espaço e a serem

lidas e adquirem concretude com as ilustrações das personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Lobato apresenta características no universo literário para crianças até então não exploradas. Como a onipresença da realidade brasileira; o olhar empresarial; a preocupação com problemas sociais, na tentativa de formar leitores críticos capazes de transformar a realidade em que viviam, cumprindo assim o papel de humanização da literatura. Ele tentava despertar no leitor uma forma diferente de ver o mundo e questioná-lo.

Para Gregorin Filho (2010), a literatura infantil de Lobato trazia a diversidade de valores do mundo contemporâneo, o questionamento do homem diante de uma sociedade que se transforma todo dia; trouxe também diversos contextos sociais na formação do povo brasileiro, sua diversidade e dificuldade de sobrevivência. E o mais importante: trouxe as vozes e os sentimentos das crianças para as páginas dos livros. Sem dúvida, Monteiro Lobato foi o precursor de uma nova literatura destinada às crianças no Brasil.

Anterior a Lobato, a Literatura brasileira sofria fortes influências da literatura européia, com um cunho humanista dramático, servindo de instrumento pedagógico que refletia os padrões europeus, apresentando, na maioria das vezes, fábulas, contos de fada maravilhosos, novelas de aventura e cavalaria, nacionalismo com ênfase na vida rural, culto da inteligência e moralismo religioso.

Após Lobato, a literatura para crianças e jovens se mostra mais relativista e dialoga mais com o leitor. Uma literatura que mostra um mundo em construção para uma criança que passa a ser vista como um ser em formação.

Para garantir o bom desenvolvimento desse processo, foi criado em 1997 os Parâmetros Curriculares Nacionais para instrumentalizar o cumprimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação no que se refere aos elementos curriculares as atividades do ensino com os objetivos do ensino fundamental para que os alunos sejam capazes de:

Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;

Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;

Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crença, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;

Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;

Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;

Utilizar as diferentes linguagens - verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal - como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicações.

saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;

Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (BRASIL, 1997, p. 7)

Atualmente, através das políticas públicas de leitura, foi sancionada em 2003 pelo Presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, a Lei nº 10.753, a chamada Lei do livro. Essa Lei apresenta algumas limitações quanto à ênfase maior na leitura e na formação de leitores, mas não se pode negar que a Lei do livro contribuiu como primeiro marco legal responsabilizando os Estados brasileiros para dar diretrizes amplas e permanentes a esse setor da cultura brasileira.

A Lei fomentou um renascimento do tema da leitura no cenário cultural do País, como um valor essencial na construção de um Brasil mais justo e democrático. A repercussão para as políticas públicas da leitura e do livro encontrou forte

participação da sociedade na política e a indústria editorial, crescendo estimulada pela sociedade civil e o estado brasileiro já consolidado como grande comprador de livros.

O diálogo travado ardentemente entre estado e sociedade civil, ambos reconhecendo suas limitações e potências, acordaram que o mais importante era a conquista de um país de leitores. A partir daí, com muita generosidade política, promulga a Lei do livro criando o PNLL (Plano Nacional do Livro e Leitura). Como responsabilidade do governo brasileiro representado pelos Ministérios da cultura (MinC) e o da Educação (MEC), o Plano Nacional do Livro e Leitura foi instituído por meio da Portaria Interministerial nº 1.442, 10 de agosto de 2006, pelos ministros da Educação e Cultura, e tem como política pública a leitura e a formação de mediadores. Tem como eixos: a democratização ao acesso ao livro; estímulo à leitura e a formação de mediadores e o desenvolvimento da economia do livro.

MARQUES NETO (2009) afirma que essa decisão de unir Cultura e Educação foi um momento ímpar na história da luta pela leitura no Brasil, e serve também, como estratégia fundamental para a formação de mediadores fornecendo parâmetros para avançar.

E abril de 2008, o Presidente do conselho Deliberativo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Fernando Haddad, decreta a necessidade de garantir aos alunos e professores da rede pública de ensino o acesso à cultura e à informação, estimulando a leitura como prática social; CONSIDERANDO a necessidade de implantar, ampliar e atualizar o acervo das bibliotecas de escolas públicas brasileiras.

Em seu artigo 1º resolve regulamentar a execução do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), para prover as escolas de ensino público das redes federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal, no âmbito da educação infantil (creches e pré-escolas), do ensino fundamental, do ensino médio e da educação de jovens e adultos (EJA), com o fornecimento de obras e demais materiais de apoio à prática da educação básica, de acordo com o Anexo desta Resolução.

4 - A LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DE LEITORES - LETRAMENTO LITERÁRIO

A leitura faz parte do nosso universo desde o primeiro momento em que começamos a conhecer ou a compreender o mundo que nos cerca. É por meio da leitura que o ser humano amplia sua capacidade de refletir sobre os acontecimentos sociais, sendo capaz de interferir em seu meio social.

O hábito de ler é uma prática de extrema importância para o desenvolvimento do raciocínio, do senso crítico e da capacidade de interpretação. Para os PCN's,

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever. (Brasil, 1997, p. 53)

O ato de ler deve ser despertado logo na infância, pois a leitura faz parte da formação cultural de cada indivíduo, estimulando a imaginação, possibilitando a descoberta de diferentes hábitos culturais e ampliando e enriquecendo o vocabulário da criança, formando-o como leitor e principalmente como ser humano.

É através das histórias lidas e contadas que as crianças vão descobrindo um mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos. Com os problemas enfrentados, ora resolvidos ora não pelas personagens, as crianças vão se identificando e, assim, esclarecem melhor às próprias dificuldades. É através das histórias que se pode sentir as emoções, raiva, tristeza, irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, entre outros. É o sentir e ouvir com os olhos do imaginário. As histórias também proporcionam as viagens a lugares desconhecidos, às culturas desconhecidas. Abenomovitch (2003) afirma que ler para uma criança é ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática.

Ler é fundamental em nossa sociedade. A escrita está por toda parte. Nas revistas dos consultórios enquanto aguardamos uma consulta, nas estações de ônibus e metrô, nas revistas culinárias, nos folhetos de campanhas, nas instruções de jogos, na tela do computador e da televisão. Enfim, a vida está permeada pela escrita.

Para entendermos como a escrita atravessa a nossa existência foi criado o termo *letramento*. Denomina-se por *letramento* os usos que se fazem da escrita na sociedade. Ele também é responsável pela maneira como escrevemos para comunicarmos através de um *e-mail*, bilhetes, entre outros. O letramento é uma prática social da escrita e da leitura. E com apropriação dessas práticas as pessoas passam a compreender o mundo e inserindo nesse para transformá-lo.

SOARES (2006) afirma que “letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

O letramento literário tem uma relação diferenciada com a escrita. O letramento literário também é uma prática social de leitura por pessoas em seu contexto social. Através da prática da leitura, as pessoas passam a compreender o mundo fazendo a relação com os vários textos lidos num diálogo de transformação social.

Letramento literário é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Para entendermos melhor essa definição sintética, é preciso que tenhamos bem claro os seus termos. Primeiro, o processo, que é a ideia de ato contínuo, de algo que está em movimento, que não se fecha. Com isso, precisamos entender que o letramento literário começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido. Depois, que é um processo de apropriação, ou seja, refere-se ao ato de tomar algo para si, de fazê-la pertencer à pessoa, de internalizar a ponto daquela coisa ser sua. É isso que sentimos quando lemos um poema e ele nos dá palavra para dizer o que não conseguimos expressar antes (COSSON, 2014)

O letramento literário é bem mais do que uma habilidade pronta e acabada de saber ler e escrever textos literários, pois requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário, onde este consegue criar uma relação entre o que lê e a realidade social perpassando os limites do tempo e do espaço.

A literatura tem um papel humanizador de tornar o mundo compreensível, transformando suas palavras em algo concreto e intensamente humano.

COSSON (2014) diz que para literatura cumprir o seu papel humanizador, precisa-se mudar os rumos da sua escolarização, promovendo o letramento literário.

Para o letramento literário se tornar algo concreto, ele necessita da escola, pois ele requer um processo educativo específico que a mera prática da leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar.

4.1 - A LITERATURA NA SALA DE AULA

Muito tem se falado da literatura e do seu poder humanizador. A literatura passa conhecimentos que, interagindo com outros saberes escolares, vai formando cidadãos capazes de exercer sua cidadania, compreendendo criticamente as realidades sociais e nelas agindo efetivamente. A escola é o lugar ou deveria ser o lugar privilegiado de estimular o gosto pela leitura.

Percebe-se que as salas de aulas brasileiras ainda não conseguem ser esse modelo para formar leitores em abundância.

São várias as instâncias de escolarização da literatura mencionadas por Soares (2011), a começar pela biblioteca que determina rituais de leitura, como o que se deve ler, o que ler e enquanto tempo ler. A maioria das práticas ainda utilizadas são tradicionais, não promovendo o letramento literário; como a escolha pelo professor de um título quase sempre os clássicos, que os alunos são obrigados a ler para, em seguida, responder roteiros enfadonhos, em que somente uma resposta correta é aceita. A experiência que deveria ser desafiadora se torna uma tarefa burocrática e sem graça. Os jovens se formam sem entender os benefícios da leitura e não leem mais nada.

Soares (2011) Caracteriza ainda como uma escolarização inadequada da literatura infantil, os livros didáticos do ensino fundamental na seleção de gêneros exagera nos textos literários e poemas. Deixa de lado o teatro infantil, a biografia, o diário e as memórias que são significativas na literatura infantil. Na seleção de autores e obras recorre-se muito aos mesmos autores, e mesmos poemas. Quando o livro didático faz isso, limita a criança ao acesso a outros livros e autores, uma vez que a literatura infantil brasileira em prosa e verso é rica e bem variada. A criança passa a ter também a noção de que a literatura são certos autores e certos textos.

Muitas vezes, os livros também apresentam textos que têm como finalidade ensinar a gramática com pouca qualidade literária.

Para Soares (2011) outra forma de escolarização inadequada da literatura apresentada nos livros didáticos são a fragmentação dos textos e a ausência da referência bibliográfica. O próprio autor do livro didático escreve textos fazendo um ajuntamento de palavras para alcançar objetivos de ensinar a língua e a gramática. Isso pode abalar o conceito que a criança tem intuitivamente da estrutura da narrativa e pode induzi-lo a produzir falsos textos, entre outros.

Assim, acontece uma escolarização inadequada da literatura, isto é, quando a escola se apropria da literatura para atingir seus objetivos de ensinar conteúdos programáticos, esta literatura se torna inadequada e escolarizada. Soares (2011) afirma que não se deve negar a escolarização da literatura, mas, a forma inadequada, a errônea, e imprópria da escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou ditadização mal compreendida que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o.

Uma escolarização adequada da literatura seria aquela que conduza mais eficazmente às práticas de leitura que ocorrem no contexto sociais e às atitudes e valores que correspondam ao ideal de leitor que se quer formar e não afastar o indivíduo das práticas sociais de leitura que cria resistência. (SOARES, 2011, p. 25)

Para promover o letramento literário em sala de aula, as práticas de leitura devem ser planejadas pelo professor com atividades que estimulem o gosto pela leitura, com objetivos claros do que se quer atingir.

4.2 - A importância do Professor na Formação de Leitores

Ler é uma tarefa complexa, por isso exige objetivos claros por parte do professor. Para formar leitores competentes, que sejam capazes de usar a linguagem oral e escrita em diferentes circunstâncias de comunicação, esse leitor tem que ser aquele capaz de usar algumas estratégias de leitura. A partir das diferentes práticas sociais de que esse leitor participa, ele vai se apropriando das estratégias de leitura e vai dando sentido e (re)construindo os sentidos dos textos lidos e, assim, poderá ser capaz de ampliar sua compreensão de mundo.

Na escola, o professor é o mediador, é aquele que vai intervindo e ajudando as crianças a irem construindo as estratégias de leitura que as levarão à compreensão e à (re) construção dos sentidos dos textos lidos. Ao ler, todas essas habilidades são colocadas em ação sem uma ordem específica, mas ao ensinar ao aluno tais mecanismos, o professor explicará conforme surgem no decorrer da leitura do texto.

Bräkling (2004) afirma que ao lermos, fazemos usos de algumas estratégias que precisam ser consideradas no processamento de sentido dos textos, como a capacidade:

- a) De ativarmos o **conhecimento prévio**, que temos sobre todos os aspectos envolvidos na leitura – conhecimento sobre o assunto, sobre o gênero, sobre o portador onde foi publicado o texto (jornal, revista, livro, folder, panfleto, folheto, etc.); sobre o autor do texto, sobre a época em que o texto foi publicado, quer dizer, sobre as **condições de produção** do texto a ser lido – para selecionar as informações que possam criar o contexto de produção da leitura, garantindo a fluência da mesma;
- b) De **anteciparmos** informações que podem estar contidas no texto a ser lido;
- c) De realizarmos **inferências** quando lermos, quer, dizer, lermos para além do que está nas palavras do texto; ler o que as palavras nos sugerem;
- d) De **localizarmos** informações presentes nos textos;

- e) De **conferirmos** as inferências e antecipações realizadas ao longo do processamento do texto, de forma a podermos validá-las ou não;
- f) De irmos **sintetizando as informações** dos trechos do texto;
- g) **Estabelecermos relações** entre os diferentes segmentos do texto;
- h) **Estabelecermos relações** entre tudo o que o texto nos diz e o que outros textos já nos disseram, e o que sabemos da vida, do mundo e das pessoas. (BRÄKLING, 2004, p. 56)

Toda leitura realizada deverá ter objetivos claros por parte do professor em relação ao que ele quer atingir com aquela leitura. Sendo assim, os objetivos determinarão a escolha das estratégias que tornarão o processo de leitura mais eficaz.

COSSON (2007) afirma que uma sequência básica para se trabalhar o letramento literário passa por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Motivação é a preparação do aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação. Introdução é a apresentação do autor e da obra. É função do professor fazer com que o aluno receba a obra de uma maneira positiva. Toda leitura escolar deve ser acompanhada porque se tem um objetivo a cumprir esse não deve ser perdido. Interpretação é a oportunidade que o aluno tem de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizá-la, permitindo um diálogo entre leitores e da comunidade escolar.

O professor deve ser um motivador, um entusiasta e gostar de ler, para ser capaz de ajudar seus alunos a superarem as dificuldades encontradas no ato de ler, como as relativas ao ritmo da leitura, na compreensão dos textos lidos, na capacidade argumentativa dos textos e de ler nas entrelinhas. Assim, poderá ajudá-los a construir estratégias para a compreensão da leitura e serem capazes de compreenderem o mundo dialogando com a realidade, colocando a leitura em prática.

5 - AÇÃO DESENVOLVIDA

Com o objetivo de incentivar a leitura e despertar o interesse dos meus alunos do 3º ano do primeiro ciclo pelos livros, trabalhei em sala de aula a leitura em voz alta dos livros da *Coleção A Casa Amarela*, da autora Lilian Sypriano. Pude perceber que a leitura em voz alta ativa muito o conhecimento prévio das crianças, o que as levam a intervir na história lida, fazendo conexões com a realidade em que vivem. Lendo uma das histórias da coleção, *Zé Murieta, o homem da capa preta*, que conta a história de um homem velho que trabalhava à noite e ganhava pouco, uma aluna fez o seguinte comentário: "Professora, meu avô parece com o Zé Murieta, ele também está bem velhinho e trabalha até hoje, tenho pena dele!".

A partir da observação dessa criança, discutimos um pouco sobre o assunto. No outro dia, levei para sala de aula o "Estatuto do idoso", proporcionando a leituras de outros gêneros. A literatura tem esse poder de ensinar sem ter cara de aula.

As crianças quando expostas à obras Literárias, têm por ela grande afetividade, identificando-se com os temas tratados, fazendo questionamentos pessoais ao lerem ou ao ouvirem o que foi lido ou contado por seu professor. (PAIVA, 2010, p. 46)

Através da leitura em voz alta é possível transportar a história lida e as páginas do livros, e assim povoar a imaginação da criança, para que ela viva as emoções e sentimentos transmitidos pelos personagens. Uma mediação onde espera-se que a criança consiga refletir e resolver suas carências e promover o reencontro com suas emoções. A leitura em voz alta pode também ampliar o vocabulário das crianças, potencializando sua argumentação e sua compreensão textual

Amarilha (2010) afirma que "a oralidade da voz é energia mobilizadora e organizadora, de sociabilidade, de saberes, de emoções, de enraizamento coletivo".

Segundo Amarilha (2010), para ouvir uma leitura em voz alta o ambiente tem que estar propício. Uma escola onde o barulho se sobrepõe não tem como colocar em prática a leitura em voz alta. O professor não tem que ser um contador de histórias,

mas tem que ser competente na leitura em voz alta. Na interação da letra com a sonoridade, o processo de leitura se redimensiona.

O momento literário deve proporcionar as crianças um contato generoso com o livro. Um ambiente confortável contribui para a criança se entregar ao enredo da história.

O plano de ação *Ler pode ser bom* foi trabalhado com a turma durante o segundo e terceiro trimestre do ano de 2014. O plano de ação foi implementado em uma turma do 3º ano do 1º ciclo, que possuía 25 crianças entre 8 e 11 anos de idade. A maioria dessas crianças eram provenientes de famílias muito pobres que sofriam discriminações diversas no bairro, que é tido como um bairro de classe média, conforme citado no documento Rede de Trocas (200-). São crianças muito agitadas, com baixa autoestima e sem estímulo e com grande dificuldade para aprender, ainda não tinham adquirido o hábito de ouvir e respeitar a opinião dos outros colegas.

Com pouca formação de hábitos, como saber ouvir, respeitar a opinião do outro, a disciplina na sala não era muito tranquila. Algumas dessas crianças ainda liam silabando e com pouca compreensão do que estavam lendo. Ainda não possuíam uma autonomia nos atos de ler e escrever. O tema abordado para minha pesquisa e plano de ação foi a "leitura literária".

A partir do desenvolvimento dessa ação, este trabalho teve como objetivo principal avaliar como práticas de leituras literárias em voz alta podem influenciar na formação de leitores competentes e autônomos. Além desse objetivo geral, teve os objetivos específicos de despertar e incentivar o interesse dos alunos pela leitura literária; aproximar os alunos do universo dos livros, das histórias e da escrita; enriquecer o vocabulário; desenvolver habilidades linguísticas, falar, escutar e ler; estimular a oralidade; melhorar a leitura corrente e a interpretação textual dos alunos.

Com o desejo de ver essas crianças se interessando pelo livro, pela leitura, no segundo trimestre de 2014, incluí na minha rotina a leitura de livros para a turma, sempre depois do recreio, que é o horário em que os alunos entravam mais agitados para sala. Depois de ler a história, conversávamos sobre a mesma, o que tinham

entendido, tentava trazer a história para o dia a dia das crianças e, algumas vezes, pedia para que fizessem o reconto através de desenhos, colagens, escritos, entre outros e criávamos uma galeria de personagens dos moradores misteriosos da *Casa Amarela*. O que dava para perceber nitidamente que aquela atividade era bem prazerosa, pois, enquanto desenhavam conversavam sobre os personagens e, eles se interagiam uns com os outros. Com isso, as relações entre os alunos também melhorou. Já não se agrediam tanto verbalmente, conseguiam respeitar a opinião uns dos outros. Nesse tempo, somente eu lia. Não pedia o reconto oral porque eles demonstravam vergonha de irem à frente para ler ou recontar a história para a turma. A cada 15 dias íamos à biblioteca para pegarem livros para lerem em casa. Com o passar do tempo pude perceber que o envolvimento das crianças com os livros, com a leitura foi crescendo. Eles estavam mais atentos nos momentos em que eu começava a ler em voz alta, já não havia mais conversas ou comentários desagradáveis. Já interagiam com a leitura fazendo perguntas ou mesmo compartilhando os sentimentos de algum personagem. Passaram a buscar livros na biblioteca na hora do recreio para eu ler. Quando terminei de ler os livros da *Coleção da Casa Amarela* as crianças já estavam manifestando o desejo de ir a frente para ler para a turma. Já não demonstravam mais vergonha, já se sentiam mais seguros na hora de ler. Através do crescente envolvimento com a literatura e com a leitura percebi que a leitura deles havia melhorado, já não liam silabando e já eram capazes de aceitar os comentários dos colegas se algum erro fosse cometido.

Dessa forma, nasceu um outro projeto chamado: *Quem conta um conto aumenta um ponto*, nesse projeto, já não era mais eu que lia, e sim as crianças.

Fiquei muito feliz com o resultados desse trabalho porque garanti a essas crianças algumas capacidades que eles precisavam desenvolver no último ciclo de alfabetização como a de ler obras literárias com gosto e compreensão e atitudes favoráveis a leitura.

Acredito ter feito uma escolarização adequada da literatura, uma vez que usei a literatura para que as crianças tomassem o gosto pelo ato de ler e assim, pudessem compreender o mundo a sua volta usando a leitura como uma prática social e, não para aprenderem gramática ou para responderem fichas literárias enfadonhas que

não fazem o menor sentido para a criança. SOARES (2011) afirma que tais práticas afastam, criam resistência ou aversão à leitura.

Atualmente, são crianças que sempre vêm me visitar e comentam comigo de alguma livro que estão lendo. Em conversa com a professora atual de Língua Portuguesa do 2º ciclo, ela me disse que as crianças dessa turma estão muito bem, lendo com fluência e sendo capazes de compreender o que está sendo lido. No final do mês de abril de 2015 encontrei com um ex-aluno dessa turma com um livro na mão e, quando me viu veio logo me mostrar. Aproveitei para comentar sobre o livro. Eu disse a ele que aquele livro era muito legal porque eu já o havia lido. Comentei também que estava muito feliz de vê-lo lendo. Ele me respondeu assim: "Foi graças a você, né, professora?!".

Através desse depoimento tive a certeza de que fiz um bom trabalho com essa turma.

Dos dezoitos livros da coleção *Casa Amarela*, foram lidos e trabalhados com os alunos dez títulos (*Acordo, Rubião tem fantasma no porão!; Zé Murieta, o homem da capa preta; Mãos ao alto! É um assalto!; Quem matou Honorato, o Rato?; Liloca Gatoca sumiu! Onde será que ela está?; Você viu?; Dilermando Constantino Albuquerque Raposo, o morador misterioso; Rubião Gatão, o mágico trapalhão; Dona Neném, fofqueira como ninguém; O fabuloso elixir do corajoso*).

No começo, as histórias eram lidas em capítulos devido à baixa concentração dos alunos, desacostumados a escutarem histórias. Com o tempo, o interesse dos alunos pelas histórias foi crescendo, foram ficando mais concentrados. Assim, passei a ler a história completa.

Algumas atividades foram desenvolvidas com a turma durante o desenvolvimento do Plano de Ação *Ler pode ser bom*, uma das atividades foi a criação da galeria de personagens misteriosos (fotografia 5), onde os alunos desenhavam os personagens da história que era exposto em um painel, visível para toda a escola. Essa galeria tinha como intuito registrar de forma lúdica e incentivar a busca de livros na biblioteca para leitura autônoma. Outro objetivo pretendido com os

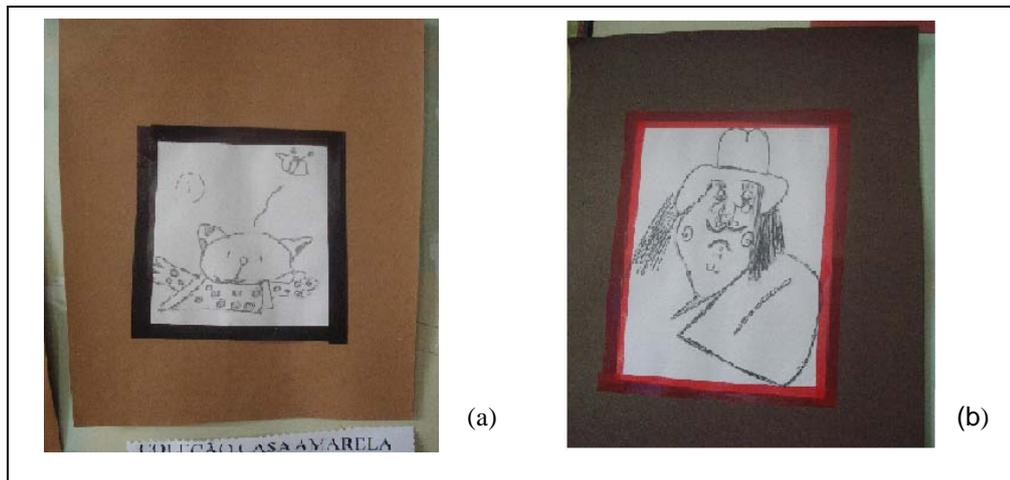
desenhos expostos era incentivar a leitura de outros alunos da escola, já que o painel ficava em local visível por todos.

Fotografia 5 - Painel: Galeria de personagens Misteriosos da Casa Amarela



Fonte: Arquivo Pessoal (2014)

Fotografia 6 Detalhe do Painel Galeria de personagens misteriosos da casa amarela



Legenda: a) *Zé Murieta, Homem da Capa Preta* (Ilustração da aluna Júllia)

b) *Julinho Gatinho* (Ilustração do aluno Thiago)

Fonte: Arquivo Pessoal (2014)

Com a elaboração e execução dessa estratégia de leitura em voz alta, o interesse pela leitura e pelos livros por parte das crianças foi aumentando gradativamente, o que culminou em um novo projeto: "Quem conta um conto aumenta um ponto".

(fotografia 7) Nesse projeto, as crianças passaram a recontar as histórias lidas por elas para toda a classe. Nessa atividade, as crianças podiam utilizar recursos variados para o reconto (fantoches, cartazes, a própria voz, etc.).

Fotografia 7 - Painel quem conta um conto aumenta um ponto: reconto do livro Foi quase amor a primeira vista da aluna Júllia



Fonte: Arquivo Pessoal (2014)

A maioria dos objetivos pretendidos com o desenvolvimento do plano de ação *Ler Pode Ser Bom*, foram alcançados. Observei que os alunos despertaram um grande interesse por histórias e, conseqüentemente, pelos livros. As visitas à biblioteca proporcionaram a interação dos alunos com os livros, buscando outras histórias e assuntos de interesses próprios.

Aproveitando o interesse das crianças por novas histórias, desenvolvi uma atividade a partir da curiosidade das crianças que consistia em criar uma continuidade coletiva de uma história lida em sala de aula. Já que as crianças demonstraram grande interesse em saber o que acontecia com as personagens depois que a história acabou.

Fotografia 8 Atividade texto coletivo desenvolvido pelos alunos. Continuidade da história: Lila e a Chuva.



Fonte: Arquivo Pessoal (2014)

Outros objetivos foram alcançados, como o desenvolvimento da oralidade, a auto-estima, pois as crianças, que antes não conseguiam se expressar, passaram a recontar as histórias trabalhadas com grande entusiasmo e riqueza de detalhes, sendo capazes de fazer inferências, entreviam com seus conhecimentos prévios, faziam relações com outros textos lidos.

A turma cresceu em vários aspectos: passaram a ouvir com mais atenção, conseguindo executar melhor as tarefas propostas que antes não eram executadas. O convívio entre os alunos também melhorou, passando a respeitar a opinião do outro com mais facilidade do que no início do ano.

A literatura contribui para a formação da criança em todos os aspectos, especialmente na formação de sua personalidade, por meio do desenvolvimento estético e da capacidade crítica, garantindo a reflexão sobre seus próprios valores e crenças, como também os da sociedade a que pertence. (PAIVA, 2010, p. 41)

Quando um professor é um entusiasta da leitura e comunica esse entusiasmo às crianças; existe grande possibilidade de que estas sejam seduzidas pela leitura, por conta da curiosidade sobre o que está sendo lido. No início do projeto, eu lia fazendo uma interrupção da leitura e no ápice da história eu dizia: "Cenas dos próximos capítulos". Até que um dia um aluno que no início disse-me que não gostava de histórias e, ao longo do projeto se envolveu muito com as histórias lidas, me disse assim: "Professora, espero que hoje você não fale cenas dos próximos capítulos." A partir daí, comecei a ler uma história por dia, já que estavam muito entusiasmados com a leitura em voz alta.

Com o intuito de incentivar o hábito de leitura, o plano de ação "Ler pode ser bom" foi desenvolvido e trabalhado com as crianças do 3º ano do 1º ciclo do ensino fundamental, durante o segundo e terceiro semestre de 2014.

A leitura das histórias dentro de sala contribui para desenvolver a oralidade dos alunos, pois estes ouviram palavras, expressões, sons e imagens que não conheciam anteriormente. Enriquecendo desta forma a língua e a linguagem, conseqüentemente, o aprendizado da escrita também foi ampliado. Outro ponto observado foi a contribuição para o desenvolvimento emocional das crianças, que

tiveram contato com diversos assuntos tratados nos livros e que de alguma forma poderiam ser contextualizados.

Por meio de diversos textos, as crianças tiveram contato com variadas formas de emoção, tristeza, medo, solidão, abandono, surpresa e expectativa. O que auxiliou no controle destas emoções, pois durante a leitura a criança enxergava diferentes soluções e compartilhava suas dúvidas e anseios com o restante da turma.

Ao ler para os alunos, percebi uma melhora nos relacionamentos das crianças tanto comigo, como com seus colegas. Os alunos se tornaram mais tolerantes, passando a respeitar mais as opiniões dos colegas, mesmo quando não concordavam. Eles passaram a aceitar com mais facilidade as atividades propostas e as executavam com menos resistência, e com muito mais entusiasmo. Os laços de amizade ficaram mais estreitos e o ambiente da sala de aula muito mais tranquilo.

A criatividade e o interesse pelos livros também foi estimulada durante esses semestres, os alunos se mostraram mais interessados em visitar a biblioteca e procurar por novos assuntos e gêneros diferentes de leitura. O que foi relatado pela bibliotecária que afirma que o empréstimo de livros para a turma cresceu de forma considerável.

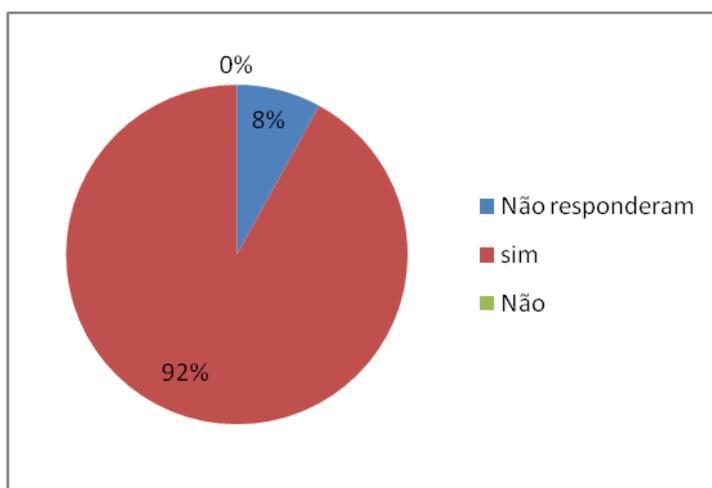
Com o objetivo de ter mais elementos sobre o desenvolvimento do Plano de Ação *Ler Pode Ser Bom*, Apliquei um questionário para os alunos com o intuito de verificar o interesse da criança e se houve contribuição no estímulo ao hábito de leitura. O questionário possuía oito perguntas, onde das vinte e cinco crianças apenas duas não responderam totalmente o questionário.

5.1 - Tabulação dos dados do questionário

Quando perguntado aos alunos se gostavam de ler, a maioria afirmou que gostava de ler, como pode ser visto no gráfico 1. Foram diversas as justificativas para o ato de gostarem de ler: “Por que eu aprendo”; “Por que é bom”; “Por que aprendo coisas

interessantes”; “Porque a leitura é divertida”; “Para aprender”; “Para ler e escrever melhor”; “Porque melhora a minha leitura”, “Porque me faz aprender coisas novas”, entre outras respostas. Deve-se levar em consideração que algumas dessas crianças podem ter respondido aquilo que o professor gostaria de ouvir.

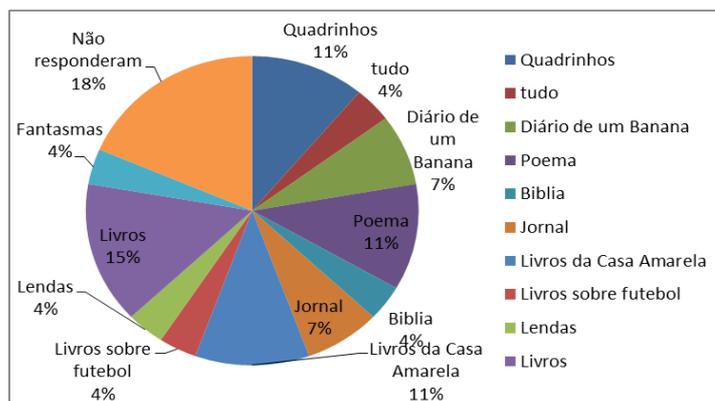
Gráfico 1 – Você gosta de Ler? Por que?



Fonte: Arquivo Pessoal, (2014)

Quando questionados sobre o que gostavam de ler? e por que?, (gráfico 2). As crianças também foram claras em suas respostas, e diversos estilos e temas surgiram. O que demonstra que os alunos compreenderam que podem escolher entre vários gêneros de leitura. Estas respostas fornecidas podem não corresponder à realidade fielmente, já que dificilmente uma criança nesta faixa etária teria como preferência o jornal? Mas é de conhecimento que há uma grande circulação de tabloides (Jornal Super e Aqui) em suas residências.

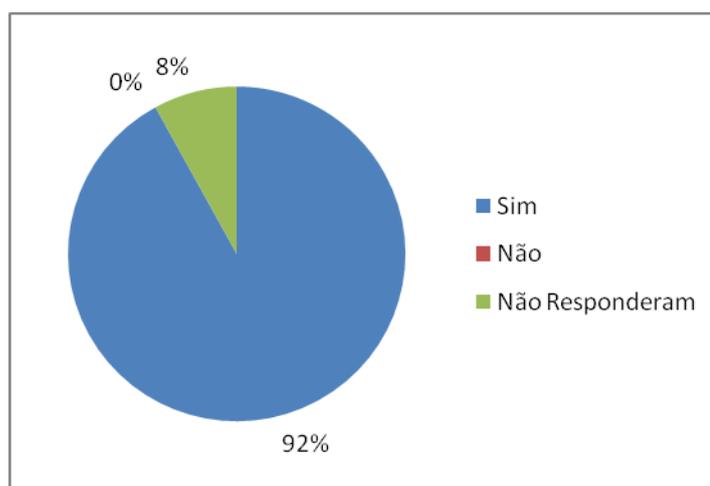
Gráfico 2 – O que você gosta de ler? Por que?



Fonte: Arquivo Pessoal, (2014)

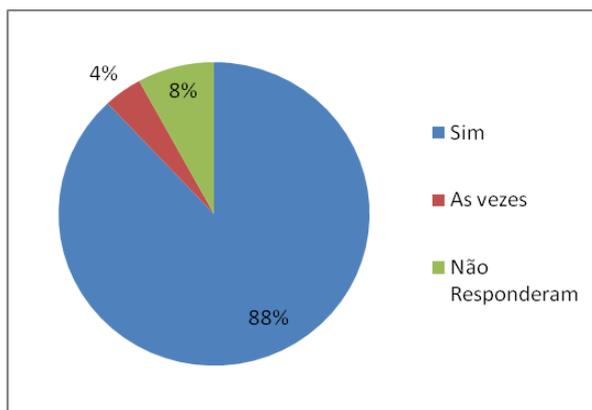
A visita à biblioteca da escola se tornou uma atividade prazerosa e pode ser percebida no convívio com estes alunos. O gráfico 3 confirma que as crianças gostam de ir a biblioteca. Quanto às justificativas para gostar de ir à biblioteca as crianças deram varias respostas como: “Porque é muito legal”; “Porque as pessoas podem ler sossegadas”; “Porque lá tem muitos livros”; “Porque é bom para pesquisar”; “A parte mais legal é a Biblioteca”; “Porque é silencioso”, etc.

Gráfico 3 – Você gosta de ir a Biblioteca? Por quê?



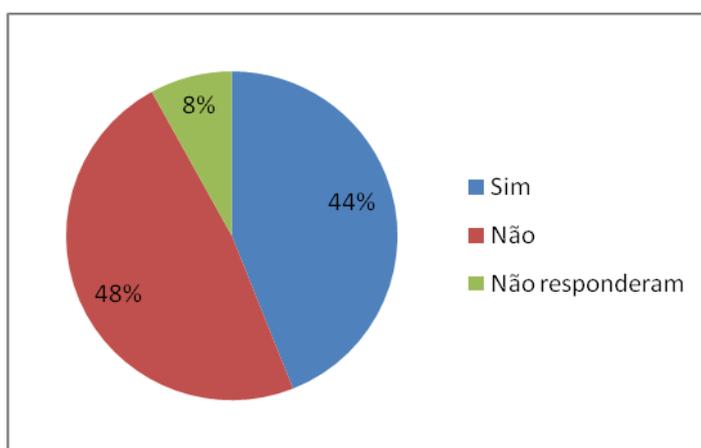
Fonte: Arquivo Pessoal, (2014)

A pergunta número 4 do questionário foi realizada com o intuito de verificar se realmente os alunos estavam realizando mais empréstimos na biblioteca como suspeitávamos. Dos 25 alunos da sala, apenas dois não responderam e um respondeu que pegava livros às vezes. Isso demonstra que os alunos passaram a se interessar mais pela leitura e a frequentar a biblioteca em horários alternativos. (gráfico 4). Apesar de não ter informação sobre a frequência dessas crianças a biblioteca anteriormente ao meu trabalho

Gráfico 4 – Você pega livros emprestados na Biblioteca?

Fonte: Arquivo Pessoal, (2014)

Já a pergunta número 5 quis verificar se as crianças também eram estimuladas a ler em suas casas. Quando perguntei se alguém lia para elas em casa, 44% responderam que sim e entre estas crianças apenas uma citou o pai como o leitor. e a maioria responderam que o responsável liam para elas porque elas pediam. 48% responderam que não. Mas o mais curioso nesta resposta é que quase todas responderam que “não” porque elas mesmas gostavam de ler, ou que preferiam ler sozinhas, dentre essas respostas nenhuma criança negou ler em casa. (gráfico 5)

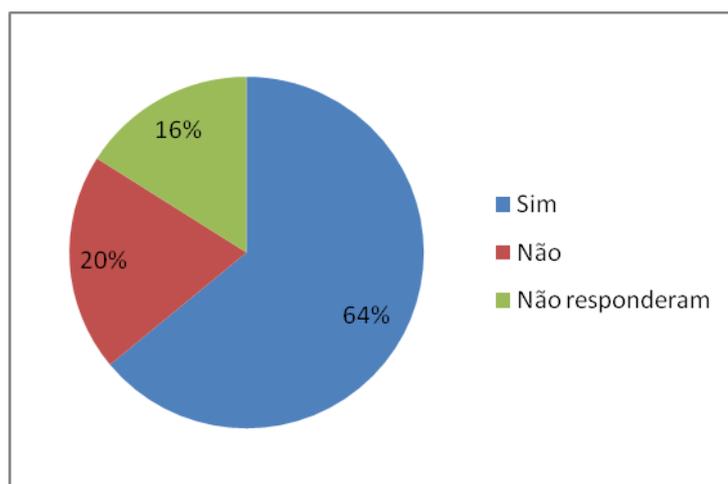
Gráfico 5 – Na sua casa alguém lê para você? Por quê?

Fonte: Arquivo Pessoal, (2014)

Com a pergunta número 6 do questionário quis verificar se o plano de ação realmente estava agradando as crianças. Conforme pode ser observado no gráfico 6 64% dos alunos gostaram das leituras em sala de aula. E justificaram sua preferencia respondendo que: “Eu gosto porque é legal os livros”; “Porque a

professora lê igual a história”; “Porque é uma leitura muito boa”. “Porque ela lê alto e outras, 20% não gostavam e justificaram suas respostas dizendo que: “Porque eu gosto de ler sozinho”; “Porque eu posso ler em casa”. Em nenhuma das respostas as crianças afirmaram não gostar de ler.

Gráfico 6 – Você gosta quando a professora lê para você em sala de aula? Por quê?



Fonte: Arquivo Pessoal, (2014)

Na pergunta número 7, questiono as crianças se elas possuem livros em casa apenas 4 crianças não responderam o questionário, e as 21 que responderam afirmaram ter livros em casa.

Já a pergunta número 8 quis verificar se a família destas crianças possuíam o hábito de leitura a maioria das crianças responderam que sim que seus responsáveis liam e entre os estilos de leitura o jornal foi o mais citado, revista, bíblias e outros também foram apresentados pelos alunos.

CONCLUSÃO

A turma do 3º ano do 1º ciclo da Escola Municipal Aurélio Pires era formada em sua maioria por crianças muito agitadas, com baixa autoestima e sem estímulo e com grande dificuldade para aprender, com pouco hábito de ouvir e respeitar a opinião dos outros colegas. A disciplina na sala de aula não era muito tranquila, algumas dessas crianças ainda liam silabando e com pouca compreensão do que estavam lendo. Não possuíam uma autonomia nos atos de ler e escrever. Para algumas dessas crianças, a leitura era algo que ainda estava longe do seu dia a dia e, por isso, a leitura ainda não era algo interessante para algumas crianças, apesar de terem contato com livros, por meio dos kits entregues pela Prefeitura, e terem acesso aos livros da biblioteca.

Com o Plano de Ação *Ler Pode Ser Bom*, inseri em sala de aula a leitura de livros em voz alta por mim, da coleção da Casa Amarela. Pude observar o crescente interesse e curiosidade das crianças pelos livros da coleção, buscando-os na biblioteca para relê-los, o que ajudou a desenvolver uma leitura autônoma. Uma melhora significativa na forma de argumentação, na leitura e até mesmo na escrita desses alunos.

Concluí que a leitura literária, quando trabalhada com crianças de 8/9 anos, influencia de maneira positiva no comportamento dessas crianças, incentivando a leitura, formando leitores mais críticos e tolerantes. Ao longo do processo em que o Plano de Ação *Ler Pode Ser Bom* foi implementado, observei mudanças no comportamento das crianças, como a elevação da auto estima, o respeito à opinião dos outros, maior participação nas aulas com argumentos mais fundamentados.

O mais gratificante foi que, ao final do ano, já não era mais eu quem lia para eles e, sim, eles que liam para a turma livros que buscavam na biblioteca. O interesse pela leitura foi tão visível que os próprios alunos tomaram a iniciativa e nomearam a sala com o nome da coleção: Casa Amarela. Percebi também que a literatura cumpriu o seu papel de humanizar as pessoas.

REFERÊNCIAS

- AMARILHA, Marly. Literatura e Oralidade: escrita e escuta. In.: DAUTER, Tânia, FERREIRA, Lucena (orgs.). *Por que ler?: Perspectivas culturais do ensino da leitura*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.
- ABENOMOVITCH, Fanny, *Literatura Infantil: Gostosura e bobices*. São Paulo: Scipione, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1997. 144p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Resolução nº 7, de 20 março de 2009. Dispõe sobre o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), Brasília, mar. 2009. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php>>. Acesso em: 29 de mar. de 2015
- BRÄKLING, Kátia Lomba. *Sobre a leitura e a formação de leitores*. São Paulo: SEE: Fundação Vanzolini, 2004.
- COSSON, Rildo. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2014, 189p.
- COSSON, Rildo. Letramento Literário. *Glossário Ceale: Termo de Alfabetização, leitura e escrita para educadores*. 2014. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>>. Acesso: 14 jan. 2015
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura Infantil: Múltiplas Linguagens na formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos. 2010.
- MARQUES NETO, José Castilho. Políticas públicas de leitura e a formação de leitores . In SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques, ROSING, Tânia M. K. (Orgs). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. 2. ed. São Paulo: Gaudí Editorial, 2009
- MEIRELLES, Elisa. Literatura, Muito Prazer. *Nova Escola*, São Paulo, n. 234, p.49-58, ago. 2010.
- PAIVA, Aparecida, MACIEL, Francisca, COSSON, Rildo. (Coord). *Literatura: Ensino Fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino, 20)
- PAULA, Carolina Teixeira de; BARROS, Leila Cristina (orgs). *Cadernos do Programa de Bibliotecas: o Programa de Bibliotecas da rede Municipal de Educação de Belo Horizonte*. PBH/SMED. Belo Horizonte, 2013. (Cadernos do Programa de Bibliotecas, 1)

PENTEADO, Ana Elisa de Arruda. *Literatura Infantil, História e Educação: um estudo da obra Cazuza, de Viriato Corrêa*. 2001. Dissertação (Mestrado em educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000241395>>. Acesso em 14 jan. 2015

SANTOS, Lilia Virginia Martins. Programa de Bibliotecas da Rede Municipal de ensino de Belo Horizonte. [s.d] Disponível em: <http://cdij.pgr.mpf.mp.br/noticias/palestra_cbbd/P2_A2.pdf>. Acessado em 06 de junho de 2014

SECRETARIA Municipal de Educação. *Rede de Trocas: Uma Experiência em Movimento*. Belo Horizonte: PBH/SMED. [200-]. 32p.

SOARES, Magda. *Letramento um tema em três gêneros*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Magda. *Escolarização da Literatura infantil e juvenil*. In: Martins, Aracy Alves (org) et. al. *Escolarização da Leitura Literária*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 19-48

ANEXO 1

Plano de Ação

LER PODE SER MUITO BOM!

Este Plano de ação será trabalhado no segundo trimestre de 2014 em uma turma do 3º ano do 1º ciclo, que possui 25 crianças com idade entre 8 a 11 anos, na Escola Municipal Aurélio Pires. A maioria dessas crianças são agitadas, com baixo auto-estima, sem estímulo ou possuem dificuldade para aprender. A turma no geral é muito agitada, ouvir e aceitar a opinião do colega também é uma grande dificuldade.

Com pouco habito de leitura, muitas destas crianças ainda lêem silabando com pouca ou quase nenhuma compreensão do que está lendo, o que prejudica também no ato de escrever.

Para ler é necessário dominar as habilidades de decodificação e aprender as distintas estratégias que levam a compreensão. Quando uma criança ainda não domina estas habilidades ela não confia em seu conhecimento prévio não conseguindo formular uma hipótese do que aquilo pode significar. Quando se depara com a dificuldade na leitura a criança fica preocupada em oralizar corretamente e não consegue compreender o que esta escrito porque ela não consegue dirigir sua atenção a duas coisas ao mesmo tempo.(SOLÉ, pág. 26 - 1998)

Este plano de ação tem como objetivo desenvolver na criança o hábito de leitura, contribuindo para ampliar o poder de imaginação da criança, desenvolvendo a escuta, enriquecer o vocabulário com a utilização de linguagens diferentes, contribuir também para uma escrita mais eficiente. Pois a leitura frequente auxilia no conhecimento de novas ideias, palavras e expressões, enriquece o vocabulário da criança auxiliando na capacidade de argumentação.

A leitura de histórias foi inserida na rotina da sala de aula, com o intuito de ver as crianças interessadas e interagindo com a leitura, manuseando os livros reparar a beleza das imagens definindo preferência e construindo critérios para selecionar o que irá ler . Neste primeiro momento a criança é convidada a escutar a história, que

deve ser contada de uma forma estimulante e desafiadora. Para que a criança sinta prazer em participar da atividade.

Logo após a leitura/contação de história feita pela professora, acontece uma conversa sobre a mesma, neste momento a criança é estimulada a expor sua opinião ou crítica sobre os acontecimentos da história, que sempre que possível é contextualizada para os dias atuais.

Para a realização do Plano de ação será utilizado os livros da coleção Casa Amarela da autora Lilian Sypriano, editora Formato. Esta coleção apresenta 18 títulos com contos fantásticos e personagens misteriosos e as histórias sempre trazem um final surpreendente, são histórias que agradam crianças na faixa etária da turma trabalhada. A sinopse da coleção é apresentada na contra capa de cada livro:

Na casa grande e amarela acontece cada coisa que só você vendo para acreditar! Crimes, sequestros, moradores misteriosos, fantasmas, gatos, ratos e um montão de gente aprontando a maior confusão! O leitor também participa, brinca de detetive, desvenda mistérios e descobre mil coisas com os gatinhos da **casa amarela**, que sempre recebem um convidado especial em cada história. (<http://www.liliansypriano.com.br/colecao-casa-amarela.htm>)

FIGURA xx – logomarca coleção casa amarela
Fonte: <http://www.liliansypriano.com.br/colecao-casa-amarela.htm>

A utilização da coleção obedecerá algumas etapas apresentadas a seguir:

1ª Etapa: Apresentar a coleção para as crianças.

2ª Etapa: Pedir para escolherem os primeiros 6 títulos para serem lidos pela professora. Os livros serão lidos com a participação das crianças, mostrando as imagens, entonação correta da voz de maneira a instigar a curiosidade dos alunos. A história será lida em mais de um dia, e a sua leitura será interrompida em momentos estratégicos para que as crianças possam levantar hipóteses do que poderá acontecer levando-as a compreender o que está sendo lido.

3ª Etapa: Depois como atividade lúdica, pedir para que as crianças desenhem o personagem misterioso de cada história, retratando suas características físicas e

emocionais. Estes desenhos farão parte da Galeria de Personagens que serão expostos nas salas de aulas e biblioteca para que sirvam de incentivo a leitura para outros alunos da escola.

Os objetivos pretendidos com este Plano de ação são:

- Despertar e incentivar o interesse pela leitura;
- Aproximar o aluno do universo dos livros, das histórias, da escrita para manuseá-los, reparar a beleza das imagens, definindo preferência e construindo critérios para selecionar o que irá ler;
- Enriquecer vocabulário;
- Desenvolver habilidades linguísticas, falar, escutar, ler e escrever;
- Auxiliar o aluno no processo de constituição da sua identidade e na formação de valores próprios e aumento da auto estima;
- Estimular a oralidade e o senso crítico;
- Trabalhar a leitura com diferentes objetivos: busca de informação, de prazer, para comunicar publicamente;
- Contribuir para formação de leitores autônomos e competentes
- Realizar atividades a partir de instruções;

TEMPO ESTIMADO: Enquanto as crianças de mostrarem interesse pela leitura ou até ler o último livro da coleção.

PROBLEMATIZAÇÃO

Como a leitura literária pode contribuir para formação de leitores competentes e autônomos?

JUSTIFICATIVA

Na minha primeira experiência com Ensino Fundamental, na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, está acontecendo numa turma de 3º ano do primeiro ciclo, da Escola Municipal Aurélio Pires. Observei que a maioria das crianças dessa turma possui pouco hábito de leitura, e, muitas, ainda leem silabando com pouca ou quase nenhuma compreensão do que estão lendo, o que prejudica também no ato de escrever. Ao deparar com essa realidade, me senti assustada, pois nas minhas experiências anteriores, crianças com essa idade já liam fluentemente e compreendiam o que estavam lendo.

Com a elaboração e execução desse projeto, "Ler pode ser bom", pretende-se formar leitores competentes e autônomos, capazes de intervir na realidade em que estão inseridos, vivenciando a leitura como uma prática social.

“A escola deve possibilitar ao aluno uma formação que lhe permita compreender criticamente as realidades sociais e nelas agir, sabendo, para tanto, organizar sua ação”. (BRÄKLING, 2004, p. 52.)

A leitura de histórias, pela professora, foi inserida na rotina da sala de aula, com o intuito de ver as crianças interessadas e interagindo com a leitura, manuseando os livros reparando a beleza das imagens e definindo preferência, construindo critérios para selecionar o que irá ler futuramente.

A oralidade da voz é energia mobilizadora e organizadora, de sociabilidade, de saberes, de emoções, de enraizamento coletivo. (AMARILHA, Marly, 2010, p. 84.)

Para alcançar os objetivos propostos, foi criado um plano de ação que norteará as práticas a serem desenvolvidas durante o segundo semestre letivo, que terá como pano de fundo a coleção *A Casa Amarela*, que traz histórias da autora Lylian Sypriano. Essas histórias abordam temas do interesse das crianças nesta faixa etária (falam de medos, fofoca, assaltos, diversidade, entre outros), de forma

descontraída e divertida, e que podem ser contextualizados e problematizados para os dias atuais, trazendo aprendizados relevantes para a vida dos alunos.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Avaliar como práticas de leituras literárias em voz alta podem influenciar na formação de leitores competentes e autônomos.

Objetivos Específicos

- Despertar e incentivar o interesse dos alunos pela leitura literária;
- Aproximar os alunos do universo dos livros, das histórias e da escrita;
- Enriquecer o vocabulário;
- Desenvolver habilidades linguísticas, falar, escutar e ler;
- Estimular a oralidade
- Melhorar a leitura corrente e a interpretação textual dos alunos.

METODOLOGIA

Muito se fala do poder da literatura - e de como a escola é um lugar privilegiado para estimular o gosto pela leitura. Infelizmente, porém, as salas de aula brasileiras estão longe de ser "celeiros de leitores". Salvo exceções, o contato dos estudantes com os livros costuma seguir um roteiro no mínimo enfadonho: alguns títulos (quase sempre "clássicos") são indicados (leia-se empurrados goela abaixo) e viram conteúdo avaliado (perguntas de interpretação de texto com uma única resposta correta). E só. A experiência que deveria ser desafiadora vira uma tarefa burocrática e sem graça. Os jovens

se formam sem entender os benefícios da leitura e acabam não lendo mais nada. (MEIRELLES, 2010, p. 49)

Acontecendo assim uma escolarização inadequada da literatura, isto é, quando a escola se apropria da literatura para atingir seus objetivos de ensinar conteúdos programáticos esta literatura se torna inadequada e escolarizada. Magda (2011) diz que não se deve negar a escolarização da literatura, mas, a forma inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou ditadização mal compreendida que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o. (escolarização da educação infantil e juvenil - Magda Soares, pág. 22)

Pensando no papel da escola e no meu enquanto professora de possibilitar ao aluno uma formação que lhe permita compreender criticamente as realidades sociais e nela agir, sabendo organizar sua ação, tentarei buscar algumas estratégias de leitura para que essas crianças possam gostar de ler, de manusear os livros de gostar de contar as histórias por elas lidas e fazerem relações com outras leituras feitas e com o mundo, compreendendo-o e nele agindo como sujeitos autônomos.

O plano de ação que norteara as práticas de incentivo a leitura terá como pano de fundo a coleção A Casa Amarela que trazem histórias da autora Lylian Sypriano em cada história contada sempre aparece um personagem misterioso. Estas histórias abordam temas do interesse das crianças nessa faixa etária, (falam de medos, fofoca, assaltos, diversidade, entre outros), de forma descontraída e divertida, e que podem ser contextualizados e problematizados para os dias atuais, trazendo aprendizados relevantes para a vida dos alunos.

Iniciei a leitura dos livros da coleção A casa amarela em início de agosto e já foram lidos três livros. Após a leitura tento fazer com a turma uma discussão sobre o tema abordado buscando a compreensão e a interpretação das crianças. Para que a leitura não se torne enfadonha, somente para responder questionários e fonte de discussões, peço como um registro lúdico logo após as discussões para as crianças fazerem o desenho do personagem misterioso. A cada desenho a professora escolhe um para fazer parte da galeria de personagens que será exposta na

biblioteca da escola buscando assim, incentivar as outras crianças da escola para a leitura dos livros.

Para a realização deste plano de ação, será realizado uma pesquisa qualitativa, pois o pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo. Sendo assim, não serão utilizados dados estatísticos como o centro do processo de análise do problema. Os dados observados serão descritos de forma a fornecer informações para se obter uma conclusão. Desde modo, o plano de ação será desenvolvido em uma turma do 3º ano do primeiro ciclo, da Escola Municipal Aurélio Pires, com aproximadamente 25 crianças entre 8 e 11 anos de idade. Obedecerá os seguintes passos:

Primeiro passo: os alunos tomarão conhecimento do plano de ação;

Segundo passo: a leitura de histórias da Coleção A Casa Amarela, da autora Lilian Sypriano será inserida na rotina da sala de aula;

Terceiro passo: Serão desenvolvidas atividades relacionadas com cada história de forma a incentivar a procura de outras histórias pelos alunos;

Quarto passo: quinzenalmente, idas à biblioteca da escola para empréstimos e consulta de outros tipos de gêneros de leitura.

As informações coletadas durante a realização do plano de ação serão analisadas e refletidas com a literatura referente ao assunto abordado, de forma a identificar se os objetivos pretendidos foram ou não alcançados no decorrer do período de aplicação do plano de ação. Para isso, será aplicado nas crianças questionários para avaliar suas atitudes em relação à leitura, serão observados também o envolvimento da turma durante o projeto.

ANEXO 2**Questionário**

Questionário para ser aplicado aos alunos e alunas do 3º do 1º ciclo

Idade: 9 e 10 anos

1 - Você gosta de ler? Por quê?

2 - O que você gosta de ler? Por quê?

3 - Você gosta de ir a biblioteca? Por quê?

4 - Você pega livros emprestados na biblioteca?

5 - Na sua casa alguém lê pra você? Por quê?

6 - Você gosta quando sua professora lê pra você em sala de aula? Por quê?

7 - Você tem livros em casa?

8 - O que você e a sua família costumam ler?
